

Arquivo pessoal



**Para Lays Miranda, as pressões estéticas foram as que mais a prejudicaram emocionalmente**

## Cultura machista

Crescer com o sentimento de que é responsável por fazer tudo por todos é, para a estudante Lays Miranda, 19 anos, constantemente fatigante. Em casa, mesmo com muitas tarefas domésticas divididas entre seus pais, as demandas que restam não costumam ser divididas igualmente entre ela e o irmão mais velho. “Minha mãe nunca cobrou muito dele em relação aos cuidados com a casa, o que passou a ideia de que essas obrigações não lhe dizem respeito”, conta.

A necessidade de amadurecer rapidamente, imposta por expectativas externas, mostrou desde cedo que, apesar de ser a caçula, certas

**M**esmo com avanços trabalhistas e maior divisão nas tarefas domésticas, as expectativas do lar ainda se voltam para as mulheres. Na pandemia, inclusive, essa desigualdade foi escancarada — isso sem contar a carga mental e as cobranças estéticas. Não deu outra: independentemente da idade, elas estão adoecendo. Pensando nisso, a *Revista do Correio* conversou com mulheres que compartilharam suas angústias e deram conselhos do que fazer quando o único desejo for sumir.

Nas sociedades contemporâneas, as mulheres trabalham mais que os homens em termos de uso do tempo, já que são responsáveis pelas funções domésticas e pelos cuidados, chamadas de trabalho de reprodução social, mesmo quando também atuam no mercado. É o que informa Marjorie Chaves, historiadora, educadora popular em saúde e doutoranda em política social pela Universidade de Brasília (UnB).

É como se essas demandas fizessem parte de uma suposta natureza feminina, sendo incorporadas em seus cotidianos sem que sejam consideradas como um trabalho. Daí a desvalorização deste, quando exercido por outras mulheres, as trabalhadoras domésticas.

“Atribuir às mulheres toda ou a maior parte das responsabilidades de casa é uma espécie de ajuste social para que os homens permaneçam dominantes no mercado, em sociedades patriarcais capitalistas. Quando exercem qualquer atividade remunerada, elas não são dispensadas do trabalho de reprodução social, o que justifica a exaustão em ter que conciliar ambas”, explica.

Mesmo aquelas que podem delegar suas tarefas para outras profissionais, lidam com o alto nível de carga mental, isto é, a função de gerenciar as tarefas do lar: fazer lista de compras, planejar a faxina, agendar consultas, lembrar dos compromissos dos outros. Parece familiar, não? Esse encargo é mais invisibilizado ainda, apesar de não lhes poupar a tranquilidade.

“O maior entrave que encontramos para a mudança de cenário está na falta de reconhecimento do trabalho de reprodução social como trabalho. Ademais, o Estado não se empenha em investir em creches, restaurantes comunitários, lavanderias públicas ou até mesmo em cuidadores de idosos ou doentes como serviços públicos. Delegar as tarefas de casa e de cuidados para outras mulheres evidencia a desigualdade existente entre elas, uma vez que negras e pobres são maioria na ocupação de domésticas, e não possibilita a discussão sobre estas serem responsáveis de todas as pessoas que vivem em um lar”, conclui.

expectativas eram voltadas especificamente para ela. Quando o pai precisou fazer uma cirurgia no joelho, por exemplo, foi Lays quem o levou ao hospital, cuidou da sua alimentação e prezou todos os dias para que a recuperação corresse bem — aos 14 anos. “Meu irmão? Acordava e sentava em frente ao computador para jogar, sem preocupações.”

Concomitante a isso, lidar com as pressões estéticas lhe gerou inseguranças e foi tema de muitas sessões de terapia. Seus cachos, hoje exibidos com orgulho, entraram na fila da progressiva quando ela ainda era criança, aos cinco anos. Comentários ofensivos e de cunho racista, como “cabelo de bombрил” eram ouvidos com frequência e contribuíram para o sentimento de desencana frente aos padrões de beleza. Na época, sua mãe, também vítima do mesmo desrespeito, não detinha artifícios para lhe ajudar no processo de aceitação.

E, como para as mulheres, nenhum modelo estético as incomoda sozinho, a jovem teve, também, dificuldades em acolher as próprias curvas, consideradas um excesso, algo que não deveria fazer parte de si. Aos 14 anos, escutou de uma parente que precisava emagrecer para entrar no vestido da festa de 15 anos. Foi o que fez. Além de perder quase 10kg, desenvolveu transtornos de imagem e um princípio de bulimia. “Fiquei viciada em contar calorias e, por vezes, jogava para fora a comida ingerida”, recorda-se.

Daí a importância em manter o acompanhamento psicológico, que faz desde os 12 anos e é, para ela, a melhor forma de buscar equilíbrio físico e mental. A terapia tem ajudado, inclusive, na ansiedade com os estudos, já que a aspirante à médica se dedica quase que integralmente para o vestibular, demandando (e recebendo) da família e dos amigos bastante incentivo. Nas conversas com a psicóloga, aprendeu um lema importante: “As expectativas das pessoas são delas e não minhas, portanto, quem tem que supri-las são elas, não eu. Por isso, as únicas ambições que devemos sustentar e realizar são as nossas!”. Memorizou?

Para as jovens que se sentem sobrecarregadas, seja com os estudos, seja com as tarefas de casa, ou mesmo para aquelas que entram em embate com o próprio corpo, Lays recomenda buscar ajuda profissional e preservar uma rede de apoio, com pessoas de confiança. Ademais, “toda mulher deve buscar sua independência financeira, pessoal e mental. Então, lute pelos seus objetivos e não se deixe levar pelos sonhos alheios”, aconselha.

**\*Estagiária sob a supervisão de Sibele Negromonte**